



A UTILIZAÇÃO DE PSICOFÁRMACOS PELA POPULAÇÃO IDOSA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Alanna de Almeida Cardoso¹
Kevin Fontelles Moraes²
Josefa Raquel Luciano da Silva³

RESUMO

Objetivo: o estudo objetivou analisar a utilização de psicofármacos pela população idosa durante a pandemia do COVID-19. **Metodologia:** trata-se de uma revisão de literatura, utilizando-se artigos científicos indexados nas bases de dados LILACS, SciELO, PubMed e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), isto com uma busca controlada com os seguintes descritores em ciências da saúde: Psicotrópicos, Idoso e COVID-19. Foram incluídos artigos científicos e literatura cinzenta; disponíveis; publicados entre os anos de 2020 e 2022, escritos em português e em inglês. **Resultados:** ao todo foram identificados seis artigos científicos, sendo uma pesquisa documental, três estudos transversais, um estudo de caso e uma perspectiva. Durante a análise dos artigos científicos, foi evidenciado que a população idosa buscou a utilização de psicofármacos não apenas para suprir carências e sofrimentos, mas também como forma de tratamento/controle de quadros neuropsiquiátricos causados pela doença. Especialmente nos últimos dois anos, pôde-se observar a importância da pandemia e seus impactos como fatores para o aumento do uso de psicofármacos. **Conclusão:** ainda há uma quantidade diminuta de estudos acerca da temática abordada. Ademais, foi possível observar que a população idosa recorreu à utilização de psicofármacos para suprimir a angústia e o isolamento social e como controle do quadro neuropsiquiátrico da doença em alguns casos.

Palavras-chave: Psicotrópicos, Idoso, COVID-19.

INTRODUÇÃO

A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), tendo seu primeiro caso reportado na cidade de Wuhan, China, no ano de 2019. Espalhando-se rapidamente pelo globo, a doença foi classificada como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020 (HADDAD *et al.*, 2020).

Dentre os principais grupos vulneráveis destaca-se a população idosa, cujas taxas de morbidade e mortalidade demonstraram-se altas em todo o mundo (HAMMERSCHMIDT;

¹Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), almeidaalannacardoso@gmail.com;

²Enfermeiro. Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba (PPGPS/UEPB), kevinfontellesuf@gmail.com;

³Enfermeira. Especialista em Saúde da Família. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba (PPGPS/UEPB). jraquel.silva@hotmail.com;

SANTANA, 2020). Nesse sentido, durante a pandemia de COVID-19, observa-se que não apenas a doença teve um papel preponderante no sofrimento da população idosa, mas também as próprias formas de enfrentamento e de prevenção, geralmente baseadas no distanciamento/isolamento social, utilização de máscaras e grande quantidade de notícias e informações preocupantes e muitas vezes contraditórias (LUZARDO *et al.*, 2021).

Segundo a OMS, os idosos enfrentaram a maioria das ameaças e desafios da COVID-19, haja vista a maior vulnerabilidade à doença. Adstrito a isso, observa-se uma elevação no estresse desta população, uma vez que passam a estarem cientes da maior gravidade e da letalidade, se comparado a outros grupos também considerados de risco (ESPANHA, 2020).

Nesse sentido, segundo García-Fernandez e colaboradores (2020), verifica-se que houve um aumento do sofrimento emocional da população idosa durante a pandemia do novo coronavírus, colocando-a frente à efeitos deletérios psicológicos da doença, além do sofrimento a partir do medo da doença ou do medo da morte (GARCÍA-FERNANDES *et al.*, 2020; SANTOS *et al.*, 2022).

Apesar disso, Haddad *et al* (2020) observa que não apenas o contexto de sofrimento ocasionado pela pandemia causou efeitos psicológicos deletérios, mas até mesmo a própria doença, haja vista relatos de casos de psicose, delírio e até mesmo de mania durante o período de adoecimento pelo novo coronavírus, ou pouco tempo depois, com um teste positivo para o vírus.

Nesse sentido, Alves *et al* (2021) observam que mais que em outras situações, a reconfiguração da finalidade do uso de psicofármacos é evidente, com aumento das prescrições, que passam a ser encaradas como “mediadores de conflitos”: um alicerce no manejo de qualquer sinal de sofrimento psíquico rotulado como patologia, mesmo que essa dor seja congruente ao momento de catástrofe.

Portanto, o presente estudo tem por objetivo analisar a utilização de psicofármacos pela população idosa durante a pandemia da COVID-19.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura construída a partir da busca controlada de dados em artigos científicos e literatura cinzenta nacionais e internacionais, indexadas nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), National Library of Medicine (PubMed) e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para tanto, foram utilizados descritores selecionados a

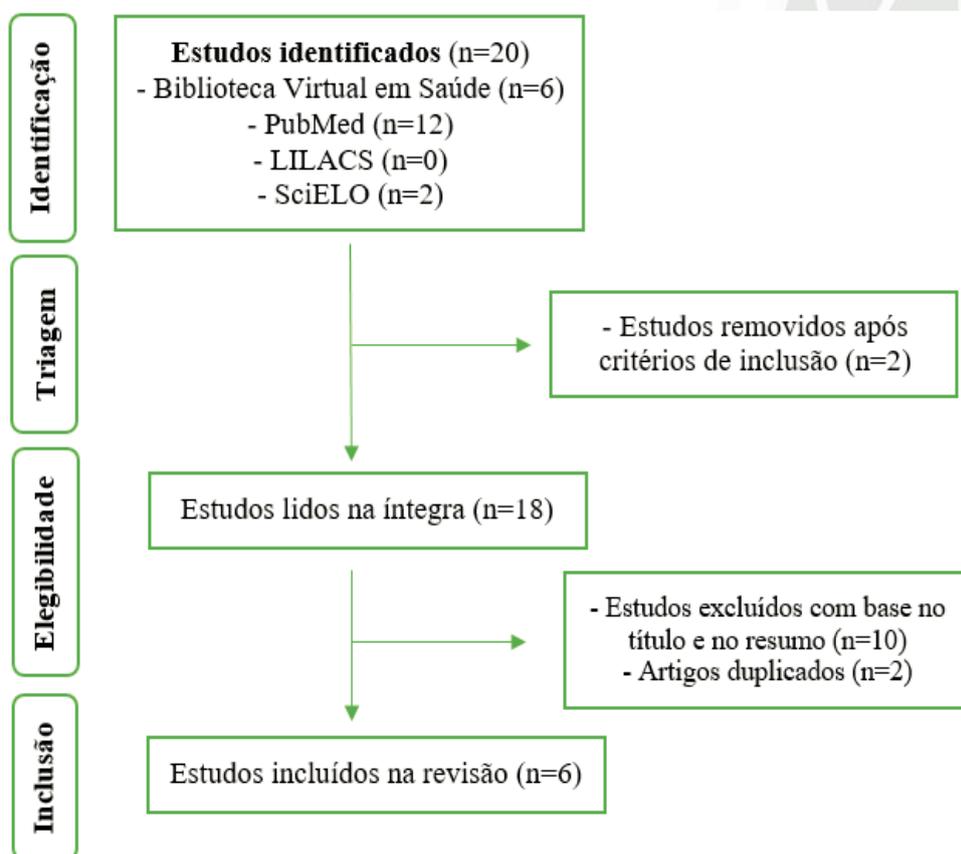
partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MESH), a saber: Psicotrópicos; Idosos e COVID-19, utilizando o operador Booleano “AND”.

A busca dos dados seguiu-se a partir da questão norteadora: “como se deu a utilização de psicofármacos pela pessoa idosa durante a pandemia de COVID-19?”, onde, para triagem dos materiais selecionados, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos científicos e literatura cinzenta; disponíveis; publicados entre os anos de 2020 e 2022 e de idioma português e inglês. Excluíram-se materiais que se antecederam ao período da vigência da pandemia de COVID-19. O itinerário de consulta e escolha dos materiais utilizados está representado no Fluxograma 1.

A coleta dos dados ocorreu entre os meses de março e maio de 2022, a partir da utilização de um formulário estruturado proposto por Ursi *et al.* (2005) e adaptado para as variáveis necessárias à questão norteadora, apresentando-se conforme Quadro 1.

A apresentação dos dados foi realizada de forma descritiva, a fim de possibilitar ao leitor a avaliação da aplicabilidade e o oferecimento de subsídios teóricos que auxiliem o profissional de saúde em sua tomada de decisão.

Fluxograma 1: Itinerário metodológico.



Fonte: dados da pesquisa, 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quadro 1: Quadro adaptado de Ursi (2005) para identificação dos estudos utilizados.

Autores (ano de publicação)	Metodologia	Conclusão
SILVA <i>et al.</i> , (2021)	Pesquisa documental e de campo;	Observou-se indícios de um grande problema em saúde pública que pode permanecer por muito tempo e ocasionar outras limitações na saúde da população.
SANTOS <i>et al.</i> , (2022)	Estudo transversal realizado com 3.307 idosos brasileiros;	Considera-se que ansiedade, depressão e estresse estão associados a dor de cabeça em idosos que são expostos ao excesso de informação e informações falsas sobre a COVID-19.
GARCÍA-FERNANDEZ <i>et al.</i> , (2020)	Estudo transversal;	A perda econômica e o uso de substâncias devem ser monitorados para garantir o bem-estar emocional dos idosos.
ALVES <i>et al.</i> , (2021)	Perspectiva*	No caso da farmaceticalização do luto, a falta de clareza quanto aos benefícios, associada à possibilidade de riscos frente ao emprego de psicofármacos e a interferência no processo natural de

		recuperação são graves.
CAPUZZI <i>et al.</i> , (2021)	Estudo transversal de centro único;	O início de medicamentos psicotrópicos pode ser comum entre pacientes internados com COVID-19.
HADDAD <i>et al.</i> , (2020)	Relato de caso;	Frente aos desafios em identificar a etiologia precisa da psicose em pacientes com COVID-19 e a falta de conhecimento sobre as consequências neuropsiquiátricas de longo prazo do COVID-19, recomenda-se o acompanhamento psiquiátrico de longo prazo dos pacientes que experimentam um primeiro episódio psicótico associado ao COVID-19.

Fonte: dados da pesquisa, 2022.

A partir da análise dos artigos, foi possível identificar a unanimidade acerca da vulnerabilidade da população idosa ao COVID-19 em relação aos outros grupos, pelo maior risco de desenvolver maiores agravamentos, haja vista que a população idosa tornou-se vulnerável não só ao vírus, mas aos efeitos psicológicos da doença, além do isolamento social e do abandono (GARCIA *et al.*, 2020).

No entanto, segundo o mesmo autor, a população idosa não apresentou maiores índices de transtornos psicológicos, se comparado a grupos mais jovens, por já terem passado por maiores problemas que os jovens de hoje durante o pico da COVID-19 (GARCIA *et al.*, 2020).

De acordo com Haddad *et al* (2020) o vírus causador da COVID-19 é considerado neurotrópico, uma vez que outros coronavírus ficaram conhecidos como neurotrópicos por ocasionarem psicose, levando ao paciente infectado pelo vírus a apresentar aspectos relacionados à neuropsiquiatria.



Nesse sentido, Capuzzi *et al.* (2020) sustenta que estudos realizados com população idosa hospitalizada com COVID-19 apresentou aspectos de manifestações neuropsiquiátricas, em que incluiu sintomas psicóticos, distúrbios efetivos, síndromes semelhante à demência e outros distúrbios relacionados ou SNC.

No que diz respeito à utilização de psicofármacos, em estudo realizado tendo uma amostra de 151 pacientes idosos hospitalizados - incluindo aqueles que já tomavam medicamentos psicotrópicos e os que apresentavam distúrbios neurológicos, foi evidenciado que 47 dos hospitalizados iniciaram a utilização de psicofármacos durante a COVID-19, sendo as classes de medicamentos mais prescritas os ansiolíticos e os antipsicóticos, além dos antidepressivos - 2% da amostra (CAPUZZI *et al.*, 2020).

Em estudo realizado por Santos *et al* (2022) que procurou identificar a presença de cefaleia em idosos brasileiros no contexto da COVID-19, evidenciou uma associação entre a utilização de psicofármacos com a presença de cefaleia, algo até então inédito na literatura científica.

De acordo com Alves *et al* (2021), especialmente nos últimos dois anos, pode-se supor a importância da pandemia e seus impactos como fatores críticos para o aumento da medicalização associada ao uso de psicofármacos, seja com uso racional ou não. Segundo a autora, ao realizar uma comparação do primeiro trimestre de 2020 e o ano de 2021 (ano de vigência da pandemia) houve aumento considerável na venda de vários psicofármacos no Brasil, corroborando com o estudo de Silva *et al* (2021), que identificou um aumento nas dispensações de psicofármacos, tendo maior prevalência classes de medicamentos como os ansiolíticos e os antidepressivos).

Nesse sentido, Zorzanelli e colaboradores (2019) dissertam que a medicalização e pharmaceuticalização fazem parte da cultura brasileira, especialmente em alguns nichos da população - como a população idosa, que chega a considerar um atendimento de saúde insuficiente caso não seja associado à prescrição de medicamentos.

Durante a busca de artigos científicos e materiais para a composição da presente revisão, foi identificado a escassez de estudos e pesquisas sobre o tema discutido - inclusive em estudos internacionais. Sugere-se, portanto, a realização de novas pesquisas acerca da temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o referido trabalho buscou compreender como se deu o processo de medicalização a partir da utilização de psicofármacos pela pessoa idosa durante a pandemia



de COVID-19, elencando as principais classes farmacológicas, assim como também as causas pelo seu uso.

Da mesma forma, foi possível observar que a população idosa recorreu à utilização de psicofármacos para suprimir a angústia e o isolamento social e como controle do quadro neuropsiquiátrico da doença em alguns casos. Da mesma forma, foi possível evidenciar uma carência de estudos acerca da utilização de psicotrópicos pela população idosa durante o período de pandemia.

Nesse sentido, cabe aos órgãos governamentais possibilitarem estratégias que visem a execução de mais pesquisas sobre a temática, para que a sociedade possa entender sobre os problemas neuropsiquiátricos e psicológicos causados pela pandemia e a utilização dos psicofármacos como primeira linha de tratamento utilizada pela população idosa e no geral que se contaminou/adquiriu a COVID-19.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. *et al.* Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. **Cadernos de saúde pública**, v. 37, n. 9, p. 1-5, 2021. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1505/medicalizacao-do-luto-limites-e-perspectivas-no-manejo-do-sofrimento-durante-a-pandemia>. Acesso em: 31 de maio de 2022.

CAPUZZI, E. *et al.* Iniciação de medicação psicotrópica em pacientes hospitalizados com COVID-19: associação com características clínicas e biológicas. **Human Psychopharmacology Clinical and Experiment**, v. 36, n. 1, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/hup.2789>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

ESPANHA. Ministério da Saúde Espanhol. Centro de Alerta de Saúde e Coordenação de Emergências. **Actualización nº113: Enfermedad por el coronavirus (COVID-19)**. 2020. Disponível em: https://www.sanidad.gob.es/profesionales/saludPublica/ccayes/alertasActual/nCov/documentos/Actualizacion_113_COVID-19.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2022.

GARCÍA-FERNANDEZ, L. *et al.* Saúde mental em idosos espanhóis em tempos de surtos de COVID-19. **Jornal de Psiquiatria Geriátrica**, v. 28, n. 10, p. 1040-1045, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jagp.2020.06.027>. Acesso em: 23 de maio de 2022.

HADDAD, P. M. *et al.* Transtorno psicótico breve associado à quarentena e COVID-19 leve. **BMJ**, v. 13, n. 1, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://casereports.bmj.com/content/13/12/e240088>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

LUZARDO, A. R. *et al.* Percepções de idosos sobre o enfrentamento da COVID-19. **Cogitare enfermagem**, v. 26, n. 1, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cenf/a/s7vJ765PS9JKsm33pz5bYNL/>. Acesso em: 20 de maio de 2022.



SANTOS, C. M. *et al.* Cefaleia em idosos brasileiros no contexto de infodemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Gerontologia**, v. 25, n. 6, p. 1-12, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562021024.210240.pt>. Acesso em: 24 de maio de 2022.

SILVA, R. D. *et al.* Dispensação de ansiolíticos e antidepressivos em farmácias privadas durante a pandemia de COVID-19. **Temas em Saúde**, v. 21, n. 6, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2021/12/21615.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2022.

WANG, C. *et al.* Respostas psicológicas imediatas e fatores associados durante o estágio inicial da epidemia de doença de coronavírus de 2019 (COVID-19) entre a população geral na china. **Medical Science Monitor Basic Research**, v. 17, n. 5, p. 1-25, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/5/1729>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

ZORZANELLI, R. T. *et al.* Consumo do benzodiazepínico clonazepam (Rivotril®) no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2009-2013: estudo ecológico. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 24, n. 1, p. 3129-3140, 2019. Disponível em: <https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/consumo-do-benzodiazepinico-clonazepam-rivotril-no-estado-do-rio-de-janeiro-20092013-estudo-ecologico/16563?id=16563>. Acesso em: 26 de maio de 2022.